

TRIBUNA DE COIMBRA

Uma missão também nossa

OS meus «Gémeos». São de fios profundos os laços que nos ligam, desde o dia em que nos conhecemos.

Era meio-dia, duas *bolas de Berlim* doces dançavam nas suas mãozitas frágeis. Era a hora do almoço escolar e as ditas, doces, o seu habitual repasto.

Aproximei-me deles e dois dedos de conversa confirmaram logo a minha suposição: eram eles as tais crianças de quem me tinham falado — uns *índios*...! Perguntaram se eu era da polícia; que conheciam muitos por ali. Disseram muitas coisas mais que uma criança nunca deveria saber...

Dali fomos a sua casa. Era perto. Uma cave esquerda. Atrapalhada, acolheu-nos a mãe em traje de dormir e duas irmãs adolescentes de treze e dezasseis anos. A beleza de ambas contrastava com o resto do ambiente. Suspeitando males piores, veio a possibilidade de as retirar dali. Obtido o consentimento das próprias e a licença da mãe, foram acolhidas num Lar de Irmãs onde durante três anos permaneceram com êxito assinalável.

Já lá vão três anos desde que os pequenos vieram comigo e elas foram para o dito Lar. Há tempos, soube que a mais velha veio embora. Um homem tomou conta dela. Há dias, apareceu — laços que não se romperam entre nós. Vinha receosa. Queria dizer algo, mas não encontrava maneira. Tirou então da mala uma pequena fotografia e exclamou: — *Olhe, é a minha filha...!*

Os seus olhos adolescentes, cheios de sonho e de brilho, não conseguiram vedar algumas lágrimas. A sua adolescência fora surpreendida por uma maternidade precoce.

Não podíamos deixar de conversar longamente... Acolhê-la, voltava agora a ser uma prioridade reforçada: — *Deixe-me cá vir baptizá-la quando os meus irmãos forem baptizados também...*

Acolher os meus «Gémeos»; acolher a família; acolher os que estão e os que ficam e de vez em quando aparecem, quantas vezes «partidos» e a fazerem-nos sofrer — uma missão também nossa.

Padre João

A propósito do Trabalho Infantil

ACONTECEU recentemente na Figueira da Foz mais um *seminário internacional* que assim se intitulou: «*É a Criança quem sofre — Trabalho infantil, crianças da rua e prostituição infantil em Portugal, no Peru e na Alemanha*».

Mais um. De *seminários*, congressos e outras magnas reuniões de sumidades está o mundo farto.

«*Non verba. Res.*» é um velho adágio romano, esquecido ou postergado nos ruidosos tempos que nos são dados viver.

Fala-se demais e age-se de menos — diríamos hoje na nossa linguagem, também ela mais prolixa que o latim.

Socorro-me de um breve relato n'«*O Comércio do Porto*» de 28/Outubro p. p.

Naturalmente o repórter que ouviu e sintetiza, põe o acento nas partes dos discursos que mais o sensibilizaram. No caso, parece que na relação entre o económico e a problemática que afecta as crianças. Mas presta informações substanciais nas citações que entretecem a sua reportagem.

Primeiro a apresentação do tema geral: *É a criança quem sofre*. Que ninguém duvide! E antes de mais ninguém, aqueles Serviços da Justiça Oficial que se arrogam «*defensores dos Menores*» e, pela sua insensibilidade e inércia, estão na linha da frente dos que fomentam o sofrimento das crianças.

Continua na página 4



Festa dos Rapazes — em dia d'aniversário.

CALVÁRIO

Martirologio moderno

Oregisto dos doentes que aqui entram é martirologio moderno. Nenhum deles derramou sangue, mas quase todos sofreram muito antes de aqui arriarem. Tiveram uma vida de martírio e de cruz.

A maior parte passou fome, dor, angústia, desprezo, abandono. Uns nunca conheceram a família nem o carinho de parentes. Outros ignoram o viver normal dos homens. Eram uns inúteis, um estorvo.

O Zé nasceu num hospital e dali veio para

o Calvário, há trinta e dois anos. Nunca andou pelos seus pés. Sempre viveu num carro de rodas. Recebeu a visita de familiares duas vezes nestes anos.

O Necas veio bebé, há vinte e seis anos, e permanece deitado desde então. Está totalmente dependente.

O João, a seu lado, foi abandonado pela mãe num hotel do Porto vai já em vinte e cinco anos. E aqui está deitado a receber os cuidados todos de que precisa.

O sr. Avelino vai com dezasseis anos de cama, após uma trombose cerebral que lhe roubou a fala e os movimentos. Permanece sempre imobilizado na cama.

A Paula, com hidrocefalia, não pode sequer sentar-se que a cabeça pesa demasiado e permanece no leito há dezoito anos.

A Anita veio com meses, de Sintra, cega e anormal. Já lá vão oito anos e a família desapareceu.

A Maria do Carmo ficou órfã aos seis anos. Sofre de artrismo deformante. Não pode andar há trinta anos. A lucidez, no entanto, dá-lhe melhor conhecimento do seu viver e consequentemente mais sofrimento. Mas consegue superar tudo e é mãe e irmã para as outras que, como ela, vivem em idêntica situação.

E mais e mais. Conhecer estas situações é descer às catacumbas e deparar com mártires vivos que acusam a sociedade. Visitar estes doentes faz bem a quem os vê com olhos atentos. Pois eles não se queixam nem lamuriam. Vivem serenos, em paz.

Padre Baptista



Calvário: Casa «Por tanto sofrer».

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — O moço, em gradual adaptação à sua prótese, está melhor a olhos vistos — integrado no meio.

É uma satisfação vê-lo com outra cara, com boa disposição, junto da família e dos próprios amigos.

Temos esperança de que, no futuro, não será demasiado dependente. No entanto, os nossos Leitores continuarão na rectguarda porque a Medicina ainda não acabou o trabalho — e há encargos para cumprir.

Entretanto, acudimos a um pensionista doente — com mazelas na família também — pois só nos aborda «quando não posso mais...!» — exclama com um ar triste. Gente envergonhada a quem muito custa, pela nossa experiência, revelar necessidades.

— Isto (os remédios) fica sempre tão caro, q'a reforma vai duma vez!

Com o desabafo, solta uma lágrima. E alivia o coração, a alma, quando saldámos os medicamentos, muito caros, que trouxe da botica, afirmando com os olhos no Céu: — *Seja por amor de Deus!*

De facto «a gente sente-se pequenino diante da grandeza de homens assim», diria Pai Américo — como Recoveiro dos Pobres.

PARTILHA — A assinante 31104, há muito percorrendo este caminho, manda «o cheque de Outubro mais reforçado por ter duas intenções. Deus sabe quais são. Peça ao Senhor que alivie a pessoa que tanto precisa de saúde. Ponho grande simbolismo nesta dádiva que desejaria fosse para contias de remédios e farmácias». Nas mãos da Providência divina, pusemos as intenções expressas.

O costume, do assinante 42971, de Ovar, para os Pobres «mais necessitados»: 5.000\$. O mesmo, da assinante 29874, de Mem Martins, «pelo eterno descanso de minha querida mãe». Idem, da assinante 7769, do Porto, «tirados do reembolso que recebi do IRS para um velhinho da Conferência

Pelas CASAS DO GAIATO

mais necessitado, por alma de minha mãe» — que foi tão assídua nesta coluna!

Vinte mil, da assinante 21319, de Guimarães, com várias intenções, sendo a mais importante «meu irmão e esposa completarem cinquenta anos de casados». Parabéns.

«A pequenina lembrança, referente ao mês de Outubro, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»; e um voto: «Deus vos dê a todos forças e a Sua divina bênção — é o desejo da 'Avó dos cinco netinhos'», de Setúbal.

Um cheque muito valioso, da assinante 4456, da Covilhã, «para as necessidades da vossa Conferência». Tudo bem distribuído!

Agora, chega a assinante 31254, de Fiães, com um cheque: «Não específico o destino, pois sabem onde aplicar essa migalha. Vai com muito amor, e pelos meus familiares já falecidos. Estamos no mês das Almas!» Curiosamente, a missiva traz, no topo, um pensamento de Thomas Moore: «O coração mais sensível à beleza das flores é sempre o primeiro a ser ferido pelos espinhos».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Há bastante tempo que os trochas procedem à reparação do nosso hospital e da rouparia.

Esperamos que tudo fique arranjado dentro de pouco tempo, pois no caso de alguns

adoecerem não teremos sítio apropriado para os doentes.

Adão («Colote»)

«**MIMALHO**» — Era um rapaz muito ruim. Fugiu. Esteve lá fora uns tempos — e ninguém o mandou embora.

Meses depois veio pedir desculpa. O nosso Padre Carlos aceitou o gesto, na condição de ter juizinho.

S. SIMÃO — É uma festa divertida, na vizinha freguesia de Urró.

A maior parte dos rapazes mais velhos costuma ir lá pelos carroséis, carros de choque, etc.

MATA E CAMPOS — Em grandes obras! Abateram eucaliptos. Mas outras árvores estão a despontar.

Alargaram um campo e levantaram um muro novo.

Os *catapillers* são caros, mas pela obra produzida valem bem a pena.

ETIQUETAGEM — A secção onde trabalho está a correr um bocadinho mal porque as máquinas se estragaram. Temos de meter as etiquetas dos assinantes do O GAIATO à mão, há dois meses e meio.

Esperamos que as máquinas reparadas venham o mais rápido possível!

«**VITINHO**» — Conseguí emprego numa tipografia em Mondim de Basto.

Que ele se habitue bem à vida, lá fora. Boa sorte «Vitinho»!

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

SETÚBAL

MILHO — O milho não coube todo nos silos; ainda ficou algum por cortar para se dar às vacas.

SEMENTEIRAS DE OUTONO — Estão a ficar boas. A cevada, com um palmo de altura; daqui a algum tempo a erva ficará boa para dar ao gado. As restantes sementeiras revelam bom andamento. As laranjeiras também apresentam bom aspecto.

OBRAS — Procedemos à renovação das nossas instalações. Arranjámos mais dois quartos no nosso Lar. Ficaram bonitos e quentes.

Aqui, na quinta, envernizámos o chão dos quartos e da sala da casa 1 — a dos mais velhos.

MÁQUINAS DE REGAR — Temos duas, compostas por

OS TEMPOS MODERNOS

Os tempos modernos

Inventaram o computador e as suas maravilhas
Mas não eliminaram ainda a miséria no seio das Nações.

Debruçam-se sobre vestígios de civilizações primitivas
E pegadas de dinossauros
Mas adiam fazer chegar o pão e a casa a todos os homens.

Ocupam-se com a vida que terá havido em Marte
[há milhões de anos
E conformam-se com tantas chagas vivas que há na Terra.

Cedem terreno a legiões terroristas
Que destroem a tranquilidade nos Campos Olímpicos
E roubam a segurança dos homens.

Sustentam mafias internacionais
Que envenenam o mundo com o flagelo da droga
E outras formas novas de escravatura.

Descobriram meios admiráveis de comunicação
Propícios à paz entre os homens
E fabricam armas capazes de extinguir Povos inteiros.

Geram bebés-proveta
E matam tantos que naturalmente nasceriam.

Falam abundantemente de Justiça e Paz
Mas agem carregados de contradições.

Os tempos que correm são realmente modernos
Mas ainda não eliminaram a pobreza dos Povos
[e a miséria da Plebe!
Se calhar, mais «obscuros» que os medievais...

Manuel Amândio

ralos e torniquetes grandes. Ambos os ralos têm muitos metros de mangueira grossa e cada qual com um torniquete. É com esta aparelhagem que regamos as terras semeadas.

FUTEBOL — Por causa dos ensaios para a festa de Natal, há pouco tempo para treinar. Também não é por isso que o grupo deixa de estar em grande forma para jogarmos contra equipas que nos queiram defrontar...

OFICINAS — Há muito trabalho para fazer! Não só para a Casa como para fora. São muitas as pessoas que procuram as nossas oficinas de carpintaria, serralharia e tipografia.

ESCOLAS — As aulas começaram em Setembro. Os rapazes do ensino recorrente, metade deles deram sete faltas a algumas disciplinas sem justificação; e com as suas desculpas, é claro. Isto é um caso muito aborrecido!

Marco

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Continuam em bom ritmo. A estrutura dos dois blocos está completa.

Falta pouco para o refeitório ficar pronto. Estamos ansiosos para o estrear e para reconstruir um antigo palheiro no quintal da tia Adelina prestes a desmoronar. Já levantámos as paredes.

CATEQUESE — Começou para os da Escola Primária às quartas-feiras. Os rapazes que fizeram o Crisma encontram-se regularmente com um grupo de jovens, aqui de Miranda do Corvo. Os que estudam em Coimbra têm catequese no Lar.

TROPA — O Casimiro teve que cortar o cabelo curtinho, pois chegou a hora de partir para a tropa. E ao Carlos Fernando faltam poucos dias para cumprir o serviço militar.

AGRICULTURA — As oliveiras estão carregadas de azeitona. A que cai no chão vai

sendo apanhada. Como há muita, todos os dias temos que andar na apanha da azeitona. Agora é o trabalho ao qual dedicamos mais tempo.

O nosso milho está arrechado. Foi uma bela colheita, graças a Deus.

João «Pequeno»

TOJAL

FÉRIAS — Uma vez que as nossas já terminaram, chegou a vez do nosso Padre Cristóvão, que reservou alguns, poucos, dias para descansar.

ALVALADE — Graças a José Roquete, 60 gaiatos tiveram a oportunidade de assistir ao Sporting-Benfica.

Deu-nos alegria, uma vez que para alguns foi a primeira vez que tivemos esse gosto.

Só que, no final, a maioria ficou triste com o resultado...

OBRAS — Continuam, em nossa Casa. Por todo o lado, do palacete até ao muro em construção num dos nossos terrenos.

AZEITONA — Já começou a apanha. Pelo menos, até agora, dá a entender que é um ano de boa colheita.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vimos dar notícia das visitas aos nossos irmãos mais carenciados.

Neste momento uma das nossas preocupações é arranjar alojamento para duas irmãs e um sobrinho, que vivem todos num quarto pequeno onde dormem, cozinham e comem. Ambas são reformadas com a pensão mínima e o sobrinho é muito doente e não tem qualquer rendimento, só o que consegue vender nas ruas. Estão a passar muitas dificuldades. Vamos tentar contactar a Junta de Freguesia para nos ajudar a arranjar uma solução.

Aproxima-se o Natal e queremos, este ano, como vem sendo hábito, comprar géneros para essa Festa, para lhes podermos proporcionar uma noite diferente. Sabemos que todos os dias deviam ser Natal, mas também estamos conscientes que isso é impossível, na sociedade em que vivemos.

«O 'espírito de partilha' exprime-se ao menos na vontade de partilhar completamente alguma coisa: um dá o seu tempo e pratica a virtude da 'disponibilidade', outro dá o seu dinheiro, este dá o saber, aquela gasta a sua saúde, outro ainda oferece o conforto moral que irradia da sua pessoa... Todo o cristão, mesmo o mais indigente, pode, sem heroísmo excepcional, participar em tais partilhas, em tais permutas, e à medida que o faz, aprende a pouco e pouco e livremente a 'dar-se a si mesmo', no sentido que lhe é revelado pelas graças pessoais que recebe. A 'partilha' não é o mesmo que a dádiva ou a esmola, visto não existir sem reciprocidade e permuta.»

RETALHOS DE VIDA

«Peixinho»

O meu nome: Manuel de Sá Rodrigues. Nasci em 17 de Janeiro de 1980 numa freguesia do concelho de Braga. Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no mês de Janeiro de 1989. Aqui sou conhecido por «Peixinho», apelido que a malta me pôs logo à chegada.

Os acontecimentos da minha vida são tristes. Basta que eu diga: ter sido abandonado, com dois meses apenas, à porta de casa duma senhora à qual ainda hoje chamo mãe.

Este pequeno retrato diz quem eu sou.

A Casa do Gaiato, da qual faço parte, é uma grande Casa de acolhimento. Que seria de mim, se não viesse para cá!?

Manuel de Sá Rodrigues («Peixinho»)



Património dos Pobres

Heroicidade ajudada

SUBIMOS à serra e descemos ao vale onde se encontra aquela vila. Procurámos o pároco e com ele visitámos as moradias de alguns casais pobres que ajudámos a construir ou reconstruir. Uma visita alegre pela alegria que vimos espelhada no rosto daqueles habitantes. O pároco inquieto com o viver daquela gente.

Dirigimo-nos à Comunidade dos Meninos, ali recolhidos. São dezoito. Alguns jovens. Uns frequentam a Escola Primária, outros o Secundário e outros ainda estudam fora. Encontrámos

em casa o Irmão religioso, e enfermeiro, que há dez anos alugou aquela casa e começou a recolher meninos, órfãos ou de gente muito pobre, a quem se dedicou totalmente.

Pedi ao hospital onde trabalha, um mês sem vencimento para arrumar a casa. Encontrámo-la bem arrumadinha, na sua pobreza. Ficámos encantados com toda aquela ordem, com a dedicação dele e a felicidade com que nos falaram os meninos. Ainda há muitos que são capazes de dar a vida pelos Outros.

Voltámos a subir a serra e parámos em aldeia distante onde temos ajudado alguns casais pobres e esta rapariga abandonada pelo namoro que ficou com um filho no

ventre. Agarrou-se ao trabalho, construiu uma casinha, montou um tear manual no qual faz maravilhas. Falta-lhe o telhado para não chover lá dentro. Deixámos uma ajuda e palavras de esperança.

De novo à estrada principal e, depois de atravessarmos vários concelhos, chegámos àquele onde o pároco nos esperava: — *Ando aqui muito aflito com o viver de muita desta gente!*, disse logo que chegámos.

Dirigimo-nos com ele para a casa dum paráltico de trinta e oito anos. Anda numa cadeira de rodas — e tem de viver com os pais num primeiro andar. Já lhe construíram uma casinha, mas ficou por acabar. Ainda falta muito!

Ouvimos muitas situações aflitivas. Procurámos encorajá-lo. Deus não há-de faltar a todos aqueles que trabalham pelo bem alheio. Prometemos continuar a ajudar e os seus paroquianos hão-de ajudar também. Com um cheque assinado e um abraço de muita amizade e confiança, retomámos a estrada.



Um curral antigo, em ruínas, serve de habitação.

Era quase noite quando chegámos ao bairro do Património dos Pobres daquela cidade. Sempre que passamos na estrada ficamos magoados com o desleixo estampado naquelas moradias, das primeiras a ser construídas. Eram muito airoosas e situadas numa pequena elevação, avistadas por todos os que passam nessa estrada com muito movimento. Uma ocupante é da primeira hora.

Os outros são todos da mesma família. É uma mistura. É um desleixo. É um abandono. Vidros partidos. Paredes muito sujas. Janelas arrombadas. Tectos a cair. Fizeram-se donos por abuso.

As Conferências Vicentinas olharam muitos anos por aquelas habitações que procuraram construir. Com o abuso e desleixo dos habitantes ficaram sem saber que fazer.

Junto, num olival abandonado, há duas barracas de tábuas velhas e latas com muitos buracos na cobertura e dos lados. Encontrámos lá dentro a mãe com três filhinhos. O marido abandonou-a e ela juntou-se com outro. Ali vivem à espera que alguém olhe por eles. Triste sinal de todos os tempos, mas também muito do nosso.

Padre Horácio

PENSAMENTO

Foi por eles e foi por nós, *propter nos, sim*. Foi o amor que Vos trouxe ao mundo, Senhor! Botar barracas abaixo é amar. Dar a cada Pobre uma habitação decente, é amar. Dar-lhes pão, outra vez o verbo amar. *Propter nos*. Quem assim não compreende, Senhor do Céu, não colabora na Vossa Descida, embora gaste o tempo a dizer que sim.

PAI AMÉRICO

Fazemos aqui um apelo: necessitamos de dois frigoríficos pequenos.

RECEBEMOS — Amiga, de Fiães, 15.000\$00; João Silva, 1.500\$00; anónimo, 5.000\$00; assinante 20617, 5.000\$00; anónima, da Póvoa de Lanhoso, 15.000\$00; 5.000\$00 de oração de graças a S. Judas Tadeu.

Conferência S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Casal vicentino

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

FESTA DE NATAL — Como é habitual, a Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte realizará a tradicional festa de Natal destinada, particularmente, aos pequeninos até aos 12 anos de idade, filhos ou netos de todos os antigos gaiatos, quer sejam associados ou não, e pertencem à nossa grande família.

É uma festa das mais ricas, sublime manifestação dos laços de família que sempre existiram na Casa do Gaiato. Os Padres da Rua dão o seu total apoio. Com a sua presença manifestam alegria por verem em seu redor os seus antigos filhos e os novos rebentos da Obra da Rua, na pessoa dos pequeninos a quem é destinada a festa. Nesta simbiose de apoteose à família e alegria, os Padres da Rua retiram a recom-

pensa do seu árduo trabalho na formação de todos os gaiatos que batem às portas da Obra e aqui se fazem Homens para a vida.

A festa será em Paço de Sousa. Em boa hora se pensou assim porque se não tivéssemos um salão tão grande como o refeitório da nossa Aldeia, decerto não caberiam todos. Além disso, a Casa do Gaiato junta, assim, os pequeninos, filhos e netos dos antigos gaiatos com os «batatinhas», uma forma de partilharmos a alegria de estarmos juntos com a comunidade de Paço de Sousa.

O grande convívio será em 22 de Dezembro (domingo), às 15 horas, em Paço de Sousa, com um programa aliciante: música, filmes, cantares de Natal e distribuição de brinquedos e guloseimas à pequenada.

Para sabermos o número de meninos e meninas que estarão presentes, solicitamos que nos devolvas até 30 de Novembro para a Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto, o talão onde preencherás devidamente os nomes dos teus miúdos. *Se não tiveres transporte, avisa*. E se conheceres algum antigo companheiro que não tenha conhecimento da festa, diz-lhe para mandar o nome dos filhos, pois queremos que ela seja de todos e para todos.

Fernando Marques

Antigos Gaiatos de Malanje

Em 21 e 22 de Setembro realizámos mais um encontro anual, na casa de praia de Azu-

rara, organizado pela Sãozita, Paulo e Mário.

Um pequeno e arrelizador acidente de viação, duas semanas antes, impediu a minha presença e tardou esta pequena crónica, solicitada por vários telefonemas, que, na altura, me

desejavam uma rápida recuperação. A visita do Pedro e as vossas solicitações fizeram-me sentir como se estivesse presente na confraternização.

O próximo encontro, organizado pelos filhos do Tavares, o Pedro e o Zézito, será em Setú-

VISTAS DE DENTRO

CINQUENTA ANOS



Carlos Manuel, conhecido, em pequeno, pela alcunha de o «Sardinha», pelos olhos vivos e ser de Aveiro, quis recordar os seus cinquenta anos de acolhimento na Casa do Gaiato.

Era o mais novo de quatro irmãos. Ficaram órfãos de pai e mãe. A avó pediu ajuda para criar os netos e o mais novo foi entregue à Casa do Gaiato onde ficou e continua.

Terminado o curso do Magistério Primário foi colocado na nossa Escola, onde ainda é professor, conhecido por todos pelo «senhor Professor». Pai Américo, num gesto muito paterno, um dia segredou-lhe: — *Hás-de ser professor da nossa Obra*. Este desabafo marcou-lhe o coração para sempre. Estudioso, fez as cadeiras universitárias de História, acabando por se licenciar — mas nunca quis deixar a «sua Escola».

Dez anos distribuidor d'O GAIATO e do qual também cronista, vendeu o nosso jornal em Coimbra, Figueira da Foz, Lousã, Miranda do Corvo, Tomar, Leiria e Cantanhede. Tomou parte activa em todas as nossas Festas e, durante muitos anos, ajudou no serviço do escritório.

Ele e alguns dos seus amigos sentimos, neste dia, obrigação de pedir perdão a Deus pelas suas faltas e agradecer-lhe e louvá-lo por todos os dons que lhe concedeu nestes cinquenta anos.

Ad multos annos.

Padre Horácio

bal. Como sempre, contamos com o apoio da Casa do Gaiato de Setúbal e do nosso Padre Acílio.

A experiência acumulada ao longo de vinte anos permitiu que os nossos filhos também se responsabilizassem na organização destes convívios, como agora, e vamos continuar para que amem Pai Américo e sintam a Obra da Rua como a Casa dos seus avós.

Os nossos encontros não podem ser um simples passeio de fim-de-semana. Há valores que é necessário passar de pais para filhos. É com este objectivo e com toda a simplicidade, como Padre Telmo nos ensinou, que vamos continuar relembrando, em todos eles, os irmãos de África, a Casa do Gaiato de Malanje, o nosso Padre Telmo.

Manuel Fernandes

Mensagem de jovem para jovens

«Jovem
Realiza o teu sonho...
O teu sonho real
Realiza
Que às vezes anoitece.
Realiza
Que às vezes não o sabes.
Realiza
Que no sono
Sonhas.
Realiza
Que de manhã o esqueces...
Realiza
Que o dia é curto
E a vida fugaz.
Porque a vida é o futuro
Que se deixou lá atrás!
Realiza
Que é natural
Que o teu sonho seja real.

Jovem lisboeta»

Cartas

O GAIATO continua a ser para mim uma voz que apela à fraternidade, um despertador que convida o coração à generosidade e à partilha, uma mensagem de ternura cristã para com tantos que vivem abandonados nos braços da Miséria. O vosso trabalho é nobre — nas vertentes da promoção humana e na dimensão da espiritualidade. Anexo um cheque, lágrima de azeite para pôr numa ferida humana.

Assinante 55699

MUITA SAÚDE e coragem para realizarem os vossos e nossos sonhos de um Mundo melhor, principalmente para quem não tem ninguém, pois para esses a vida parece um poço sem fundo e muito escuro, onde se cai e nunca mais se chega ao fim. Mas a vossa Obra está lá, qual luz no fundo do poço (a Esperança). Continuem e ajudem quem precisa, por mim e por todos.

Assinante 62921



A propósito do Trabalho Infantil

Continuação da página 1

Tivessem eles Humildade que lhes abrisse os olhos para o reconhecerem e para emendarem o passo, rompendo as redes «defensivas» em que aprisionam as crianças vítimas dos desvarios dos adultos!

Se ao nível da aplicação das leis, os magistrados experimentassem a inadequação delas relativamente ao objectivo que pretendiam, teriam o dever de consciência de alertar os que as fazem, para que rasguem estas e façam outras depois de ouvirem os que tocam na carne das pessoas e não apenas nos papéis onde se escrevem leis.

Nunca esquecerei aquele encontro. O Director de uma Tutoria desabafou a sua mágoa perante um diploma encomendado a um jurista eminente que foi à Escandinávia estudar legislação para Menores e a vestiu tal qual nos corpos deste cantinho à beira mar plantado.

— *Se estávamos mal — dizia-me aquele homem bom — ficá-mos pior. E ninguém nos perguntou nada, pediu a mínima opinião, a nós que temos a mão na massa!*

Isto foi há trinta ou mais anos. Era o tempo cinzento da ditadura. E agora, na luminosidade da democracia?!

Insensibilidade, sim, é uma carência trágica num magistrado que trata de Menores («Nós estamos aqui para defender os menores» — ouvi eu há semanas de um que valha-nos Deus!). E se falta a sensibilidade (e não abunda a personalidade nem pesa a consciência) o magistrado fica bloqueado pela inércia da lei que cumpre servilmente.

Ora neste seminário na Figueira da Foz, falou uma Procuradora que faz parte da Comissão Nacional de Combate ao Trabalho Infantil e teve a coragem de pôr o dedo em feridas.

Quanto à sensibilidade, além de «realçar o papel importante» que as organizações não governamentais podem vir a desempenhar «pressionando o poder público», «criticou a ausência das mulheres nos lugares de decisão: 'Quando se tomam as decisões políticas, milhares de mulheres estão ausentes. Se a nossa democracia continua a excluí-las dos lugares de decisão — onde só chegam por concurso público — como podemos aspirar à erradicação da pobreza, da prostituição infantil, da exclusão social?'»

Quanto à inadequação das leis e à inércia dos seus executores, esta senhora, «que preside a uma comissão encarregada de elaborar o relatório a ser apresentado em 1997 às Nações Unidas sobre a aplicação em Portugal da Convenção dos Direitos das Crianças, critica o facto de a comissão 'só existir a nível oficial, porque os ministérios governamentais envolvidos ainda não nomearam os seus representantes'. E sustenta, por outro lado, que a actual lei portuguesa de protecção das crianças 'precisa de ser alterada', considerando ser 'uma vergonha' que persista a designação de 'Organização Tutelar de Menores' que 'nem sequer tem os princípios gerais dos direitos fundamentais das crianças'».

E mais coisas sensatas disse (Quero dizer: coisas pensadas e sentidas) sobretudo no que se refere «à actuação em conjunto e em várias frentes, que previna o abandono escolar (...) e atenda 'às condições sociais', sem o que 'a exclusão social instala-se'».

Quem dera que esta voz não tenha bradado no deserto e chegue à «torre de marfim» que dá pelo nome de Ministério da Justiça!

Padre José Maria

Padre Carlos

MOÇAMBIQUE

Valores humanos desvirtuados

QUASE sempre desanimado, ao tentar escrever para O GAIATO. Sinto um abismo tão grande entre o estar e o sentir aqui, que logo vem ao de cima a angústia que dilue tudo o mais que possa dizer. Corro o perigo de repetir e desmotivar quantos ao longe se interessam pela Obra da Rua em África. A nossa luta só tem a ver com a vida aqui e o coração da gente anda às avessas.

Estamos numa sociedade em profunda transformação, onde quanto se faça é uma gota na secura, mas rejeitada a vários níveis, até infelizmente dentro da Igreja. É a cor que embaraça.

Por outro lado, sendo o poder um valor absoluto e inquestionável, nos primeiros degraus da escala, põe em causa não só a validade do nosso trabalho, como dá a sensação de precaridade e transitório a quanto se possa fazer como ajuda ao desenvolvimento do ser humano. Nem o saber nem a eficiência são valores de crédito; só mesmo os contáveis. Perderam-se os padrões morais e os valores humanos estão desvirtuados.

sei que acontecerá aos adultos da nocturna da Massaca.

Saúde

Quando procuramos atendimento médico para algum dos nossos, mesmo bebé em perigo de vida, como aconteceu ultimamente com o Américo de quatro meses, percebemos o ar exultante de quem recebe o pagamento e não vislumbramos o mínimo de compaixão pelo doente. E vamos quase diariamente, com vários. Dinheiro à frente é uma alegria. Nem vamos ao hospital distrital onde alguns que lá deixámos da povoação, morreram depressa. Neste momento estão dois no Tojal para operação aos ouvidos. Temos mais nossos e da população; não podemos sobrecarregar e não temos tempo para as andanças exigidas aqui. Que fazer?

Um dos nossos professores, com malária confirmada no exame microscó-

pico aqui da Casa, foi aconselhado a procurar consulta, pois apresentava já complicações mais graves. Porque era alérgico aos medicamentos vulgares, já ia medicado com «Halfan» que a nossa Casa do Gaiato oferece; não há no mercado local. A nossa boa vontade foi tomada como prova contra nós. Valeu-nos uma devassa da Direcção Provincial de Saúde porque a estrutura local não tolera o nosso trabalho.

Maré de angústia quando chega um contentor

Sempre atravessamos uma maré de angústia quando vem um contentor com donativos das nossas Casas de Portugal. Tendo sido baixadas as pautas aduaneiras, por via de negócios escuros e corte de privilégios, pensando que no reconstruir

Moçambique tinham alguma importância as Escolas e Internatos de Missões e as Obras sociais da Igreja, alguns responsáveis a nível diocesano foram, a quem de direito, pedir a isenção para receber donativos destinados a esse trabalho. Pelo que foi dito, as pautas prevêm isenção para medicamentos e alguns alimentos básicos, sem excepções. Tudo o que for doado está sujeito a inspecção de pré-embarque, ao regime geral do Ministério do Comércio e Alfândega. Só com planos anuais bem definidos e previamente apresentados, poderá haver estudo de hipótese. O que equivale a dizer que para enfrentar a burocracia não há tempo nem coragem.

Partilhamos estas amarguras com os rapazes no dia-a-dia, para que saibam como são servidos e o porquê da nossa presença aqui; e estejam cientes do tempo e lugar onde vivem.

SETÚBAL

Escola

Estamos a educar rapazes para a competitividade, alicerçada no saber, na eficiência e na honestidade de carácter e ao mesmo tempo a demonstrar-lhes no dia-a-dia que não vão encontrar isso nos lugares de trabalho, no futuro que os espera.

Nunca a sociedade esteve tão pressionada para mudanças e, por estas terras, estas poderões ser tranquilas. Que as futuras mutações não fracturem mais o tecido social da maioria silenciosa aniquilada iniquamente, será utopia!

Está entregue o processo para a criação da nossa Escola comunitária, embora os edifícios não estejam concluídos. Como nos mais anos, nesta altura, somos informados que os professores a quem compete a avaliação desconhecem a nossa Escola porque os alunos externos têm de pagar. Não

Dores

ESTA noite choveu na abóbada da nossa Capela onde está o Senhor sacramentado. A água caíu abundante e repentina, regando os campos, as nossas sementeiras e preparando o terreno para continuarmos a semear, trazendo a alegria e esperança a esta economicamente degradada agricultura.

Abateu-se também implacável no meu coração gelando o peito, arrebatando-me o sono e o conforto da cama.

Não era o desamparo da presença real do Senhor no mistério eucarístico que me incomodava. Naquela situação o Senhor não sofre: nem frio nem chuva nem fogo. O Senhor não está para ser consolado, mas para consolar: para Se dar a quem O procura e animar quem por Ele trabalha.

Doía-me, sim, o Seu rosto nas famílias pobres, sem casa. Batem constantemente à nossa porta em busca de alimentos. Sempre que posso, entabulo conversa acerca da sua vida e do porquê do seu estado de pedinte. Quando as narrações me ferem mais, vou ver. Tenho necessidade de ir ver.

Mãe, três filhos, um companheiro que não é progenitor da prole, vivem numa tenda no bairro do Chaparral.

Aquilo não é um bairro, mas um acampamento, que os fiscais não deixam construir barracas.

O filho mais velho, de onze anos, passa os dias no hospital de Lisboa pois tem uma leucemia. O do meio não anda na Escola, apesar de ter idade para isso e a mais nova não frequenta qualquer estabelecimento de ensino ou educação infantil.

Vinha a família toda à Casa do Gaiato buscar comer e roupa. Depois de os ter aconchegado com o preciso imediato, meti-os no carro e aí vou eu ver onde moravam e como chegaram a esta situação e deparo com o espectáculo descrito.

— *A gente vivia numa casa mas pagávamos cinquenta contos de renda — adianta a mulher.*

— *Veja: se eu ganho sessenta e picos, com o miúdo em Lisboa, a pagar viagens para o ir buscar aos fins-de-semana, como poderíamos viver? Deixei um mês por pagar, comprámos esta tenda, e viemo-nos embora!...*

Ai, como era construtivo se ao menos as comunidades eucarísticas vivessem estas situações e as acompanhassem! Como o Reino de Deus entraria mais na Igreja e a Face do Senhor brilharia mais no seu rosto...!

Acho bem que não se permita erguer

barracas. Aplaudo com toda a alma determinações deste alcance!... Mas... tomem-se de imediato as medidas eficazes para que ninguém passe por tormentos destes!... Que além do sofrimento que causam aos adultos marcam miseravelmente as crianças, comprometendo o seu futuro.

— *Vou por esses prédios, levo-os comigo e ando a pedir — continua a mulher apontando para o menino de seis e a menina de cinco anos.*

Desvairou-me este desabafo!... — *O mulher não faça isso! Não ensine as crianças a pedir...*

Que Deus me perdoe!... Mas a experiência diz-nos que é mais fácil corrigir uma criança que rouba que um menino que pede. O pedir, numa criança, avilta muito mais que o roubar!

Deixei-lhe uma ordem: — *Aluguem uma casa que eu pago-vos logo os dois primeiros meses!*

— *Mas assim a Câmara não nos dá a casa que nos prometeu — atalharam os dois ao mesmo tempo.*

Os Pobres têm as suas razões. Esta é uma grave acusação às pessoas que preenchem as estruturas da assistência, e à sua burocracia!

Verdadeiramente ando aflito pois chove em cima do meu Deus que não tem tecto.

Não sei que fazer!... Mas sou capaz de ir à sede da paróquia e pedir que aceite ser proprietária de mais uma casa, ao menos por uns anos, até ver se esta família tem capacidade para gozar uma casa sem a vender!

É fácil telhar a abóbada da capela-mor do nosso lugar de oração na Casa do Gaiato, mas é muito mais difícil abrigar o Deus Vivo!

Esta inquietação arrebatou-me!

*

Acompanhei, há pouco, à sua última morada uma senhora que foi para mim modelo de discrição.

Nunca a sua direita soube o que fazia a esquerda. Nunca!...

Há muitos anos que, todos os meses, vinha trazer ao escritório das oficinas a sua oferta ajustada. Fazia-o como obrigação — disse-me.

À medida que pôde, foi aumentando!

Celebrei com o marido, os filhos, os familiares e amigos o mistério da Vida e da morte... e da Ressurreição.

«Vem, bendita de Meu Pai!...» — ouviu, com certeza, na plenitude da Alegria!

Padre Acílio